



SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO Nº 1.126, DE 2006

Requeiro, nos termos do artigo 222 do Regimento Interno do Senado Federal, a inserção em ata de voto de congratulações para o atleta Marilson Gomes dos Santos, ganhador da São Silvestre por duas vezes, 2003 e 2005; e da 37ª Maratona de NY em cinco do corrente.

Justificação

Ele nasceu aqui perto, em Ceilândia, teve uma infância pobre e muita gente de Brasília acostumou-se a vê-lo correr descalço pelas avenidas planas da capital federal quando era adolescente. Marilson Gomes dos Santos corria desde menino e tinha um fôlego fora do comum.

Aos 14 anos mudou-se para Santo André, na Grande São Paulo. Era franzino. Ganhou peso, mas ainda hoje, aos 29 anos, é magro, com 1 metro e 75 de altura e 58 quilos. Físico ideal para um bom fundista – e melhor ainda para o campeão da maratona de Nova York, a prova mais concorrida do mundo, com 42 quilômetros 195 metros, que reuniu neste ano 38.368 atletas de vários países. Foi a primeira vez que um sul-americano, um brasileiro, chegou ao primeiro lugar.

A prova, a vitória de Marilson aconteceu no dia 5, domingo retrasado, mas a notícia continua “quente”. Marilson representa o brasileiro que supera os obstáculos, acredita na sua capacidade e sabe o que quer.

O Brasil todo conhece Marilson. Ganhou a São Silvestre em 2003 e 2005, o que não é pouca coisa. Eu mesmo já disputei a prova em São Paulo por duas vezes e sei o que é fazer aquele percurso.

Marilson deixou para trás grandes corredores, como os quenianos – os favoritos de sempre, por liderarem a maior parte das maratonas nos últimos anos. O Quênia tem 35 milhões de habitantes e chama atenção pela qualidade dos seus atletas. Grande deles vem do Vale do Rift, que fica a 1.500 metros de altitude. A revista *Veja*, desta semana, fala de pesquisas feitas com a população desse local, para verificar se havia algo específico no DNA dos atletas, que os fazia correr tão bem. Nada foi encontrado.

São como Marilson e todos os atletas do mundo. Ou seja, têm mesmo é bom treino, disciplina, preparo físico e uma enorme força de vontade.

Marilson deixou para trás grandes campeões como Stephen Kiogora e Paul Tergat, que subiram ao pódio com ele como segundo e terceiro colocados. Os dois quenianos favoritos dizem reconhecer que Marilson fez uma prova espetacular, e que merecia vencê-los. “Estou feliz por ele”, disse Paul Tergat às emissoras de TV de todo o mundo, que cobriam a maratona.

O treinador Adauto Dominguez conta que tudo melhorou na vida dos dois quando decidiram mudar das provas de 5 mil e 10 mil metros para as maratonas de longa distância. Está dando certo desde 2003. Depois da vitória em São Paulo em 2003, a imprensa esportiva mundial passou a prestar

atenção no seu estilo, muito citado nas maratonas de Paris em 2004 e de Chicago, um ano depois, quando chegou em 6º. e em 10º. lugar, respectivamente. Nessas duas provas ele não chegou ao pódio, mas foi considerado um atleta “fora de série”.

Para essa maratona de Nova York, Marilson treinou em Campos do Jordão, a cidade alta, linda e fria da Serra da Mantiqueira em São Paulo. Mas passa temporadas treinando em Paipas, a cidade colombiana que fica a 2.600 metros de altitude. A gente pensa que ele está acostumado com o frio. Mas seus 4% de gordura o deixam muito friorento. Enfrentou os 9 graus de Nova York com gorro, luvas e protetores para os braços. Deixa ele se esquentar. Deixa ele ganhar mais.

Corre mais, Marilson, e alegria a gente aqui no Brasil.

Sala das Sessões, em 14 de novembro de 2006.


Senador Eduardo Matarazzo Suplicy

Publicado no **Diário do Senado Federal**, de 15/11/2006.